

## A LINGUAGEM TRINITÁRIA DE BASÍLIO DE CESARÉIA

### THE TRINITARIAN LANGUAGE OF BASIL OF CAESAREA

*Maria Freire da Silva*<sup>1</sup>

#### RESUMO

O objetivo desse estudo é apresentar a linguagem trinitária de Basílio de Cesareia na sua discussão com Eunômio e sua elaboração do Tratado pneumatológico. Esse objetivo se justifica mediante três aspectos: O primeiro é demonstrar a contribuição de Basílio na criação da linguagem para o dogma da Trindade. O segundo é que sua linguagem se insere no interior das discussões do século IV. O terceiro é que sua linguagem mantém relevância para o pensamento teológico atual. Basílio tentou articular de alguma forma a teologia trinitária, especialmente sobre o papel do Espírito Santo, inculturando em seu contexto uma perspectiva a partir dos pobres e da criação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trindade, Espírito, hipóstases, distinção, comunhão.

#### ABSTRACT

This study aims at presenting the Trinitarian language of Basil of Caesarea in his discussion with Eunomius and his elaboration of the pneumatological treaty. This goal is justified by three aspects: in the first place, a demonstration of the contribution of Basil in the creation of the language of the dogma of the Holy Trinity. Secondly, his language is inserted within the context of the discussions of the fourth century. Thirdly, his language is relevant for the current theological thought. In some way, Basil tried to articulate the Trinitarian theology especially on the role of the Holy Spirit, acculturating it within his context from the perspective of the poor and of the creation.

**KEYWORDS:** Trinity, Spirit, hypostases, distinction, communion.

---

<sup>1</sup> Doutora em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Profª. Dra. Maria Freire da Silva – Email. mfreire.silva.@puccsp.br Rua Irmã Carolina, 288, Belenzinho – São Paulo-SP, CEP 03058040

## INTRODUÇÃO

A teologia trinitária ganha profunda relevância em Basílio, o grande, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa até então jamais estudadas na teologia. Seu pensamento constitui uma autêntica evolução, permitindo a afirmação da Trindade Pessoal no Concílio de Constantinopla I (381), mantendo fidelidade ao princípio de unidade confessado no Concílio de Niceia I (325). O desenvolvimento da doutrina cristã, na qual a questão da divindade do *Logos*, a segunda pessoa do dogma trinitário, se apresenta prioritariamente.

Na busca incessante do estabelecimento de uma ortodoxia cristã, uma das discussões teológicas de maior relevo no cenário do século IV d.C. foi a que almejava dar uniformidade às interpretações cristológicas, ou seja, aquelas que discutiam a respeito da natureza de Jesus como Filho gerado do Deus Pai. A defesa da divindade do Espírito Santo não conseguiu elevar-se ao ponto de evitar interpretações subordinacionista até que não se compreendeu e se deu lugar próprio em relação ao do Pai e ao Filho. A abordagem devida aos capadócios consistiu em afirmar o modo de ser de Deus do Espírito Santo no interior da Trindade, mantendo a distinção dentro da unidade, chegando à confissão da única substância em três Pessoas.

Destarte, é de suma importância a reflexão sobre a linguagem trinitária dos Padres capadócios no século IV, particularmente de Basílio Magno e de Gregório de Nissa, sobre o conceito de pensamento humano e segundo o pensamento humano que se faz necessário para defender a ortodoxia trinitária contra o nearianista Eunômio antes do Concílio de Constantinopla I (381). Isso aprofunda de modo original o resultado em que era comum a tradição Alexandrina e dava uma nova contribuição à discussão sobre a origem da linguagem a respeito do dogma trinitário.

## A ELABORAÇÃO TRINITÁRIA DO SÉCULO IV

O período pós-Nicéia foi marcado pela busca incansável de elaboração de uma fórmula de fé que exprimisse tanto a unidade contra os arianos quanto a distinção contra os modalistas. Nesse esforço de criação de uma linguagem adequada, encontram-se os capadócijs, Basílio de Cesaréia, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa. Para intuir o ambiente, o contexto do fervilhamento do pensamento cristão em torno do dogma trinitário faz-se necessário expor um texto de Gregório Nazianzeno:

Não havia ainda começado a pensar na unidade que a Trindade emerge em todo seu esplendor! Não havia ainda começado a pensar na Trindade e a unidade já me é confirmada. Quando a mim se apresenta um dos três, penso que isto seja o tudo, tanto a minha vista é plena, tanto o demais me escapa porque na minha mente muito limitada para compreender um só não resta mais posto. Quando reúno os três num só pensamento percebo uma grande chama sem poder dividir ou analisar a única luz.

A terminologia definida em âmbito grego foi: “*Mia Ousia Treis hypostasis*”, onde *ousia* garante a unidade e *hypostasis* a distinção, distinguindo-se o mundo latino que consagrou a fórmula: *una substantia et tres personae!* No mundo oriental, Basílio foi o primeiro a fazer a distinção afirmando que em Deus há uma *ousía* e três *hipóstases*. *Para ele ousía significa existência ou identidade substancial de Deus, enquanto que hipóstases quer dizer a existência de uma forma particular, a maneira de ser de cada uma das Pessoas.*

## A ELABORAÇÃO TEOLÓGICA DE EUNÔMIO DE CÍZICO

*Eunômio de Cízico (335-394) é denominado de campeão da segunda geração dos arianistas, pelo fato de ter elevado o debate trinitário a uma lógica conceitual racional inflexível, chamado por isso de “tecnólogo”. Intencionava ler a confissão tradicional da fé à luz das escrituras. Eunômio afirmava que não apenas o*

“não gerado (o Pai) é a substância de Deus, mas também Deus é a substância não gerada” (SESBOÛÉ, 2002 p. 245). Aqui se encontra o fio condutor da teologia eunomiana objeto de uma fé metafísica e a premissa maior de todo seu esquema racional. No entanto, precisa considerar que o não gerado do ponto de vista de Eunômio não se refere a um simples conceito (*epinoia*), resultado da reflexão humana, pois se assim o fosse perderia seu valor absoluto. “O não gerado se impõe ao mesmo tempo no plano do ser e da linguagem” (p. 245). O termo diz tudo sobre o ser divino. Dessa forma o não gerado é contrário a toda e qualquer possibilidade de ser gerado ou gerar.

A consequência disso se refere ao ser do Filho, que é totalmente repelido para fora da esfera divina. A transcendência do não gerado é absoluta não comporta comparação com outro. A geração do Filho é inconcebível em Deus. Eunômio recusa também toda distinção entre geração e devir, tudo o que vem depois do não gerado pertence à ordem do devir e do criado. Eunômio denomina o Filho de rebento, o que se aproxima de criatura, e quando se utiliza o termo luz para o não gerado e para o rebento, o sentido é distinto (p. 246). Consequentemente, o Espírito é uma criatura do Filho. Assim estamos diante de “um sistema de emanação de tipo neoplatônico, um desenvolvimento da gênese do múltiplo a partir do uno” (p. 246).

Do ponto de vista de Sesboüé (p. 247) o aspecto forte de Eunômio está situado em sua vigorosa intuição do não gerado, enquanto sua fragilidade se insere numa concepção demasiado arbitrária da linguagem; sua destreza está no modo como veste de uma roupagem cristã a uma doutrina não cristã.

Cirilo de Jerusalém, tratando sobre a regra de fé, desenvolve profundamente o tema central da natureza divina de Cristo e sua relação com o Pai. Segundo a tradição, Cirilo afirma a sua fé em um só Deus Pai ingênito e sua monarquia divina, mas a seu lado está o Filho como Senhor, Filho real por natureza, gerado do Pai

igual ao Pai, sem diminuição do Pai, sem alteração (SIMONETTI, 1975, p. 207). Cirilo é insistente na afirmação de que o Filho é gerado eternamente do Pai sem intervalo de tempo. Cirilo demonstra claramente a distinção tipicamente alexandrina entre arché ontológica e arché cronológica em referência ao Filho; este é sem princípio em sentido cronológico enquanto nascido sem princípio, porém, enquanto gerado do Pai que é sua fonte. Ele é uma arché ontológica, um princípio atemporal: o Filho é verdadeiro Deus: perfeito aquele que gerou, perfeito o que é gerado, Deus aquele que é gerante e Deus aquele que é gerado (p. 208).

O Filho é partícipe conjuntamente com o Espírito Santo da divindade do Pai. A unidade divina aparece defendida utilizando a argumentação joanina (Jo 10,30; 14,9-10). Cirilo não argumenta a unidade divina sobre a base da natureza e da substância (ousia) e nem tampouco utiliza o termo homoousios. É possível que não utilizasse o termo homoousios por prudência. Seu pensamento coincide perfeitamente com as afirmações de Alexandre de Alexandria que havia refutado Ário, afirmando que somente o Pai é ingênito e o Filho é gerado eternamente e como tal é Deus desde o início conforme Jo 1, 1. O Filho tem no Pai sua arché ontológica. A linha principal para demonstrar a co-eternidade do Filho com o Pai encontra argumento na mais autêntica tradição alexandrina que, fiel à Sagrada Escritura, utilizava seu método alegórico no estudo dos textos bíblicos (55-56).

## **AS CLARIFICAÇÕES ESPECULATIVAS DE BASÍLIO DE CESARÉIA**

Basílio Magno nasceu na cidade de Cesaréia, capital da província da Capadócia da Ásia Menor (atual Turquia) entre (329 e 330). Pertenceu a uma família rica e cristã que sofreu perseguições durante o governo Tetrárquico de Diocleciano. Estudou nas escolas filosóficas de Bizâncio, Antioquia e Atenas e tornou-se Bispo da cidade de Cesaréia em 370 d.C. Basílio é profundo

conhecedor da cultura clássica. Defendendo a questão trinitária em favor da ortodoxia, Basílio teve vários inimigos arianos, entre eles, bispos (como Eunômio de Cízico), funcionários do poder imperial (como o prefeito do pretório, Modesto) e o próprio Imperador Valente que governava a parte oriental do Império<sup>2</sup>.

A grande contribuição teológica de Basílio é a “doutrina sobre o Espírito Santo”, em contraposição às seitas semi-arianas que haviam transferido e negado a divindade do Filho e a terceira pessoa da Santíssima Trindade. Basílio oferece uma distinção entre “ousia” e “hypostasis” na Trindade. A “ousia” indica o que é comum e único às três pessoas = natureza e substância. A “hypostasis” constitui a particularidade que constitui cada pessoa da Trindade. Esclarece quem é o Filho de modo especial em duas ocasiões: em seu ataque contra “Eunômio”, no livro IV sobre o Espírito Santo. Basílio parte da acusação que lhe faziam por que usava a seguinte doxologia: “Glória ao Pai, com o Filho e com o Espírito Santo” e “Glória ao Pai pelo Filho no Espírito Santo”. Comenta Basílio:

Bem recentemente, enquanto eu orava com o povo e encerrava a doxologia a Deus-Pai de duas maneiras, ora *com* o Filho e *com* o Espírito Santo, ora *pelo* Filho, *no* Espírito Santo, alguns dos que lá estavam nos acusavam, dizendo que havíamos empregado expressões estranhas, contraditórias.

## COMPREENSÃO SOBRE A TRINDADE

Do ponto de vista de Brufau (BRUFAU, 2011, p. 68) a teologia trinitária em Basílio de Cesareia, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa chega a um grande aprofundamento em torno do mistério

---

<sup>2</sup> Há uma dinâmica pericorética na qual as Pessoas são unidas sem confusão no amor recíproco. As três Pessoas são uma única natureza, porque única é a luz, única a vida, e único o fogo de Deus.

de Deus dificilmente igualável. Seu pensamento constitui a autêntica evolução que permitiu a afirmação da Trindade pessoal no Concílio de Constantinopla I (381) permanecendo fiel ao princípio de unidade confessado no Concílio de Nicéia I (325). A Pneumatologia dos capadócijs se situa em um progresso teológico marcado pelo aprofundamento na unidade, perfeição e simplicidade divina; na noção de pessoa e na relação e distinção entre teologia e economia divinas... A grande abordagem dos capadócijs consistiu em afirmar o modo de ser de Deus, do Espírito Santo no interior da Trindade; mantendo distinção no interior da unidade, chegaram à confissão da única substância em três subsistentes (p. 68)

Para Basílio, a Santíssima Trindade é composta por três hipóstases que são consubstanciais, ou seja, da mesma substância, que é considerada divina. O objetivo de Basílio era destruir a denominada heresia de Ário e edificar as Igrejas em uma só doutrina, onde o Filho é reconhecido como consubstancial ao Pai, e ao Espírito Santo, fruindo das mesmas honras, é glorificado e adorado conjuntamente! (Basílio de Cesareia 372). Basílio a partir da fórmula de Mt 28, 19 afirmara que a comunicação dos Três no batismo manifesta o Espírito Santo na união com o Pai e o Filho na mesma dignidade de louvor. É uma noção que se contrapõe à subnumeração dos pneumatômacos e eunomianos. O Espírito Santo pode ser contado na unidade com o Pai e com o Filho por ser de sua mesma natureza divina e que somente os seres da mesma natureza podem enumerar-se conjuntamente.

Basílio nega qualquer possibilidade de que uma das pessoas divinas possa ter um momento de tornar-se, de ser divino. Quando se nega a perfeita comunhão trinitária se desonra a Trindade inteira. Basílio afirma contra Eunômio que o ser de Deus não pode ser definido, e que, somente mediante o Filho e o Espírito Santo, Deus é conhecido. O termo *ingênito* aplicado a Deus Pai não diz tudo. Ainda diz que os termos *gerado* e *ingênito* não estão contidos

nas Escrituras, mas Pai e Filho<sup>3</sup>. A semelhança do Filho com o Pai não reside para Basílio na atividade como o é para Eunômio, mas na mesma natureza divina. Se Deus Pai não tem forma e figura pelo motivo de sua simplicidade, isto vale também para o Filho. Se a substância não tem forma nem figura, a semelhança também não está nem na forma nem na figura, mas somente na substância mesma. Na igualdade de poder (Jo 5, 19; 1Cor 1, 24) se manifesta a identidade da substância. (LADARIA, 1999, p. 247).

Do ponto de vista de Ladaria (p. 248-249), Basílio desenvolve um tipo de argumentação especulativa que terá consequências relevantes na teologia trinitária posterior. Eunômio fundamentava sua teoria da negação da divindade do Filho no fato do mesmo ser gerado, o que não pode enquanto gerado ser de igual substância. Basílio refuta afirmando que os nomes relativos são importantes para a compreensão da divindade. O ser ingênito não pode ser atribuído ao Filho. Porém Pai e Filho são analogamente aplicados a Deus. Os nomes Pai e Filho não indicam a substância, mas a relação.

No pensamento basiliano, o emprego das partículas “de”, “com”, “por”, “em” e “no” era considerado, por alguns, para demonstrar as diferenças entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Basílio escreveu que Aécio, chefe de uma seita, apoiava-se nesse sofisma para afirmar que os seres dessemelhantes por natureza são denominados de maneira dessemelhante e, reciprocamente, os seres denominados diferentes diferem também quanto à natureza (BASÍLIO DE CESAREIA, p. 92).

Dessa forma, Basílio contribui com a teologia trinitária futura a respeito da articulação entre unidade da essência divina com a pluralidade das pessoas, partindo da distinção entre nomes

---

<sup>3</sup> Gregório de Elvira (392) também afirmou que o espírito humano não abarca a incompreensibilidade divina que não é descrita com palavras humanas por ser inefável e que a geração do Filho se explica através da economia salvífica (p. 19-22).



absolutos e nomes relativos. Pai e Filho são nomes relativos: um implica o outro. Não há Pai sem Filho nem Filho sem Pai. Portanto, se o Pai é eterno, também o Filho o é. O que conflitua com Eunômio parece ser o caráter temporal que o mesmo atribuía ao princípio. Basílio utiliza como argumento para provar a eternidade do Filho, o texto joanino: “O verbo estava com Deus” (Jo 1,2). O imperfeito indica um tempo que não tem início, portanto o Filho existe antes de toda eternidade, unido, enquanto gerado, a não nascibilidade do Pai.

Basílio refuta dizendo que não há sentido considerar o ingênito e o gerado que recebeu do Pai o seu ser como de natureza diferente. Não pode haver diferença de natureza entre a luz ingênita e aquela gerada. Por outro lado, a atividade do Filho corresponde à natureza de Deus, o Unigênito é a imagem da substância do Pai (p. 249). O Pai é princípio único que dá tudo sem receber e sem perder nada e cria mediante o Filho e aperfeiçoa a criação no dinamismo do Espírito Santo.

Com Basílio, a teologia trinitária, em continuidade com Atanásio de Alexandria, adquire sua forma definitiva pela clara distinção entre *ousia e hipóstases*. Basílio se adentra na compreensão sobre a origem do Espírito Santo que procede do Pai, distinguindo claramente entre “*processão*” e “*geração*”. Entre os anos 374 e 375, Basílio compôs a sua obra *Sobre o Espírito Santo*, dedicada a Anfilóquio de Icônia, que parece lhe ter pedido instrução sobre o Espírito Santo. Esta obra se compõe de 30 capítulos, nos quais Basílio trata da consubstancialidade, isto é, da mesma dignidade, que possui o Espírito Santo em relação ao Pai e ao Filho ( COSTA, 2013, p. 588).

Na trilha de Basílio, seu irmão Gregório de Nissa segue apresentando a pneumatologia do século IV de forma harmônica referente à distinção pessoal em Deus e os vínculos que existem entre as pessoas não somente por sua comum natureza, mas também por sua íntima comunhão pessoal (BRUFAU, 2011, P.

67). Nissa afirma contrariando Eunômio que a glória do Espírito não pode ser vista separada da glória do Pai e do Filho. A glória do Pai é o Filho eterno e a glória do Filho é o Espírito Santo que não é separado de ambos: Pai e Filho, mas constituem a unidade e comunhão. A glória pertence às três Pessoas divinas (DI NOLA, 1999. p. 519). O pensamento pneumatológico de Nissa introduz a incompreensibilidade do dogma trinitário à luz da revelação. A fé cristã (Católica) não é concebível sem a fé no Espírito Santo. Afirma, portanto, a unidade de natureza (ousia) e a distinção das pessoas (p. 520). Basílio afirma: que a glorificação do Espírito com o Pai e o Filho por acreditar que Ele ***não é alheio à natureza divina*** (BASÍLIO, 1999, p. 53-159)

Enquanto se discutia durante quase todo século IV, um dos mais brilhantes da história da Igreja, sobre a divindade do Verbo, se perdia um pouco de vista a do Espírito Santo. É claro que quem rejeitava a divindade consubstancial do Filho refutava com maior ímpeto a do Espírito Santo, que todos reconheciam estar em terceiro lugar entre as pessoas divinas (CRISTIANI, 1962. p. 24). Inserido nesse contexto, Gregório Nazianzeno discutia enfaticamente, procurando defender a divindade do Espírito, resgatando textos da Sagrada Escritura para combater as heresias e demonstrar que toda ação do Espírito no Primeiro Testamento é ação de Deus enquanto Trindade( GONZÁLEZ, 1996, p. 607). Nazianzeno insiste que nutrir uma fé reta, ou seja, ortodoxa significa crer na divindade das três pessoas da Trindade em sua unidade e comunhão (NAZIANZENO, 2000, p.1017). Afirma que a comunidade adora uma única divindade em três pessoas, um só Deus (TRISOGLIO, 2008, p. 190).

Eusébio nos dá testemunho de uma invocação à Trindade formulada nos seguintes termos: “Invocando a Deus Santo dos profetas, autor da luz, por meio de nosso salvador, em união com o Espírito Santo”. (SANZ, 2003, p. 405,).

Do ponto de vista de Teodoro de Mopsuéstia (p. 833), o Espírito não é separado do Pai, e coexiste desde toda a eternidade. Teodoro

articula a perspectiva do Espírito como dom futuro doado à comunidade e a fórmula batismal que é por excelência trinitária (p. 589-581). Dídimo, o Cego, afirma que o Espírito Santo é unido ao Pai e ao Filho pela mesma natureza (p.344).

Passando a descobrir o mistério através de analogias, Basílio afirma que a união do Espírito Santo com o Pai e com o Filho é de tal forma tão íntima como a que mantém o espírito do homem com o homem mesmo; e que a união existente entre eles é inseparável como a que mantém a luz, a imagem e o arquétipo.

A unidade da natureza divina não é somente específica, mas nos parece ser afirmada também por Basílio, a unidade numérica e ao mesmo tempo dentro da unidade, permanecem as propriedades e características das três pessoas divinas. A terceira pessoa procede, como o Filho do Pai, por geração, o Espírito procede pelo hálito da boca do Pai. Com isso, Basílio dá um passo importante na teologia trinitária e contribuirá como fundamento para a especulação posterior. Para Basílio, a característica própria do Pai é não derivar de ninguém, a do Filho é ser derivado do Pai e a do Espírito Santo é derivar do Pai através do Filho. A característica própria do Pai é ser ingênito, a do Filho é ser gerado, e a propriedade do Espírito Santo é ser conhecido depois do Filho e com o Filho e de ter a sua substância do Pai.

Hilário de Poitiers havia tratado a questão da coigualdade entre as pessoas divinas afirmando: O Pai gerou o Filho eternamente sem perder nada de sua natureza, e o Filho recebeu em si tudo do Pai. Também Gregório Nazianzeno afirma que “a distinção constitui: o Pai é ingênito, o Filho gerado (segundo um princípio lógico e jamais cronológico) e o Espírito Santo procede do Pai sem ser jamais gerado”. Basílio argumenta contrariando Eunômio e ressaltando que não ser gerado não é uma definição da essência divina e o ser gerado não pode ser a definição da essência do Filho, e assim poder estabelecer uma distinção entre Pai e Filho. Ao contrário, Basílio recorre a uma dissociação entre *ousia*

e hipóstases, que provavelmente Apolinário havia elaborado anteriormente. De acordo com esse ponto de vista, *ousia* se refere unicamente ao substrato ontológico, enquanto hipóstases unicamente ao modo de realização. Significa que os predicados: “gerado e não gerado” podem ser usados somente como modos de expressões da realização, não em referência à afirmação acerca da essência de Deus (BÖHM, 2007, p. 113-115).

No entanto, com os meios filosóficos dos quais dispunha Basílio não é possível precisar o caráter ontológico de *ousia* e hipóstases ou claramente sua distinção. Basílio que sustenta por todos os nomes, também os divinos, a origem convencional, ligada à capacidade heurística do pensamento humano é acusado por Eunômio de pôr um limite ao zelo providencial de Deus, o qual vem negado à atribuição dos nomes às coisas (MORESCHINI, 2008. p. 248-251). Já Evagrio Pontico (EVAGRIO PONTICO, apud MORESCHINI, 2008. p.283-284) aceitava sem dificuldade a fórmula *uma ousia e três hipóstases. A doutrina trinitária capadócia afirma que em Deus existe a unidade da essência e a distinção das três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. A Essência é comum às três Pessoas, que se distinguem entre si por ser em diferentes características do Deus único. Do ponto de vista de Costa,*

Basílio concilia as três hypóstasis com o dogma da monarquia. Não é somente a unidade de substância a garantir a monarquia, mas também o relacionamento entre eles. Mas é por meio do Espírito que a dignidade real se estende do Pai por meio do Unigênito até o Espírito. O Pai é assim afirmado como princípio ao qual tudo se dirige. Em sentido contrário, tudo provém dele: a natureza da bondade, a santidade segundo a natureza (COSTA, 2013, p. 588-595).

Atanásio e os capadócius desenvolveram teologicamente o mistério trinitário afirmando a existência de três pessoas como manifestações ou caracterizações de uma única substância divina. O próprio da primeira Pessoa, o Pai é a inascibilidade,

ou seja, não ter origem e da segunda pessoa, o Filho é gerado pelo Pai e a terceira pessoa o Espírito Santo procede do Pai. (expirado). Os capadócios desenvolveram o tema seguindo sob a influência da escola de Alexandria que coincide substancialmente com o desenvolvimento de Atanasio. O artigo 32 do Símbolo Niceno-constantinopolitano que define a oração da Igreja (“Cremos no Espírito Santo”, e lhe foram acrescentadas às palavras “Senhor e Fonte da vida, que procede do Pai, adorado e glorificado juntamente com o Pai e o Filho, e falou pelos profetas”), constitui o pronunciamento definitivo do concílio de Constantinopla, para explicitar a fé, originando o símbolo da fé Niceno-constantinopolitano, segundo a qual é preciso crer “numa só divindade, poder e essência do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e (por isso) numa divindade igualmente venerável e numa só soberania coeterna, em três hipóteses perfeitas, ou três pessoas perfeitas”. Esse símbolo refuta tanto a heresia ariana de Ário quanto as heresias pneumatômacas representada por Aécio e Eunômio quanto à macedonista de Macedônio, bispo de Constantinopla.

## **A RELEVÂNCIA DA LINGUAGEM BASILIANA PARA A TEOLOGIA ATUAL**

Toda reflexão teológica está moldada pelo contexto cultural-político, perpassada, condicionada pela experiência e perspectiva do teólogo. Basílio era um homem culto, capaz de dialogar, preocupado com a unidade eclesial, zeloso com a fé de sua comunidade. D. Edwards afirma que a teologia de Basílio “está relacionada com sua experiência de natureza social da vida cristã” (EDWARDS, 2007, p. 37). A criação da linguagem trinitária de Basílio tem como objetivo refutar os erros teológicos de Eunômio, porém, vai além pelo fato de que interessa salvaguardar a fé da comunidade.

A linguagem trinitária basiliana tenta responder às interrogações de um contexto cultural do século IV onde as heresias cristológicas e pneumatológicas fervilhavam no ambiente teológico eclesial. Basílio dialoga com a cultura pagã, no entanto não significa que nisso está inserido uma possibilidade de se falar em diálogo interreligioso no pensamento basiliano, pois o contexto o lança numa compreensão totalmente cristã da divindade. Seu objetivo é utilizar conceitos filosóficos para esclarecer a fé da comunidade cristã. Seu ponto de partida é a fórmula do batismo e a Eucaristia. Conhecedor da cultura clássica, Basílio utiliza conceitos filosóficos que contribuem na argumentação teológica da linguagem no intuito de sistematizar a experiência de fé da comunidade, respeitando a tradição eclesial.

Para Basílio, o Espírito está presente em todo universo e habita nas pessoas de maneiras diferentes. Percebe o Espírito sempre na perspectiva de comunhão. Sua teologia impele sempre para o social. Utiliza muitas vezes o termo “simpatia” no sentido de “sentir com os outros”. No caso, está implícita a idéia de que é o Espírito quem nos faz empáticos com os outros (EDWARDS, 2007, p.57). A linguagem trinitária basiliana sobretudo no que se refere a pneumatologia traz uma grande contribuição para a teologia da criação. Do ponto de vista de Edwards: “A comunhão não é apenas o modo de relação mútua do Espírito com as outras pessoas da Trindade. É também o modo de comunicação do Espírito com as criaturas”. (p. 59).

Basílio caracteriza o Espírito como respiro da boca de Deus. Na tradição bíblica as imagens do sopro de Deus e da palavra estão ligadas explicitamente na criação do universo. O salmo 33, 6 afirma: “Pela sua palavra, o Senhor fez os céus, e todo o exército deles, com o sopro de sua boca”. Palavra e sopro estão conectados atuando conjuntamente na vida das criaturas viventes e de todo cosmo. A linguagem basiliana vem carregada de uma simbologia que atribui à terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo, as seguintes ações: dar vida, completar e santificar. Contudo, a ação

é trinitária, as pessoas agem em comunhão. Essa compreensão atinge nosso tempo quando se refere ao pensamento patrístico e sua influência no Concílio Vaticano II. A compreensão de um Deus que é Trindade retorna com ênfase para fundamentar uma Igreja sacramento de Comunhão e povo de Deus (GIANOTTI, 2010, p. 219).

Basílio criou uma linguagem trinitária adequada para seu tempo, tentando responder às questões que conflitavam com a experiência de fé da Igreja. Essa linguagem permanece enquanto expressão da ortodoxia da fé em sua sistematização para a compreensão da comunidade. O pensamento trinitário de Basílio se insere no contexto de uma teologia apofática. Isso é o que fundamenta sua reflexão trinitária sobre o dado neotestamentário e litúrgico do batismo e da Eucaristia. A única vida divina é doada através da graça batismal. A linguagem trinitária basiliana apresenta relevância no que se refere à compreensão do dogma trinitário, mas, também a respeito de sua própria inculturação no saber da época. É uma linguagem capaz de articular razão e fé, com clareza epistemológica e linguística. Nisso contribui com o desenvolvimento do dogma trinitário utilizando as categorias de linguagem de seu tempo, sabendo clarificar as dúvidas dos cristãos frente às controvérsias da heresia neoarianista.

## **BIBLIOGRAFIA**

**BASILIO DE CESARÉIA. Tratado sobre o Espírito Santo.** São Paulo: Paulus, 1999.

BÖHM, T. Basilio di Cesarea. In: MATEO-SECO, L, F; MASPERO, G. **Gregorio di Nissa Dizionario.** Roma: Città Nuova, 2007, pp. 113-115.

**BRUFAU, M. B. El Espíritu Santo: de la divinidad a la procesión El desarrollo pneumatológico en los escritos dogmáticos de los tres grandes capadóciós.** In: Tesis Doctoral presentada en la Facultad de

Teología de la Universidad de Navarra. Pamplona, 2011. 67 p.

CRISTIANI, M. **Breve história das heresias**. São Paulo: Flamboyant, 1962.

COSTA, P. C. **A divina monarquia em Basílio Magno**. In: Atualidade Teológica. Rio de Janeiro, v.45, set./dez.2013.

DI NOLA, G. **Lo spirito santo nei padri secoli I-IV**. Roma: Città Nuova, 1999.

MORESCHINI, Claudio. **I Padri cappadoci, storia, letteratura, teologia**. Roma: Città Nuova, 2008.

EVAGRIO PONTICO. Lettera sulla fede, 2, 37. In: MORESCHINI, Claudio. **I Padri cappadoci, storia, letteratura, teologia**. Roma: Città Nuova, 2008.

GIANOTTI, D. **I padri della chiesa al concilio vaticano II, la teologia patristica nella lumen gentium**. Roma: Città Nuova, 2010.

GREGÓRIO DE ELVIRA. **Tratados sobre los libros de las santas escrituras**. In: Fuentes Patristicas, 9. Madrid: Ciudad Nueva, 1997.

GONZÁLEZ, I. C. **El espíritu santo em los padres griegos**. Mexico: CEM - Conferencia del Episcopado Mexicano, 1996.

GREGÓRIO DI NAZIANZO. **Tutte le orazioni**. Milano: Bompiani, 2000.

LADARIA, L, F, **Il Dio vivo e vero: mistero della trinità**. Casale Monferrato: Piemme, 1999.

MORESCHINI, Claudio. **I Padri cappadoci, storia, letteratura, teologia**. Roma: Città Nuova, 2008.

MONDIN, Battista. Ilario di Poitiers. In **dizionario dei teologi**., Bologna: ESD, 1992.

TRISOGLIO, F. **San Gregorio di Nazianzo: um contemporâneo vissuto sedici secoli fa**, Torino: EFFATA, 2008.



SANZ J. Y. La, La divinidad del Espíritu Santo y su consustancialidad con el Padre y el Hijo. In: **S. Basilio**. Pamplona, Eunsa, 1983.

SESBOÜÉ, B. **O Deus da salvação** - Vol. 01. São Paulo: Loyola, S 2002.

SIMONETTI, M. **La crisi ariana nel IV secolo**. Roma: Institutum Patristicum Augustinianum, 1975.

TEODORO DE MOPSUESTIA. Comentario al credo de Nicea. In: GONZÁLEZ, I. C. **El espíritu santo em los padres griegos**. Mexico: CEM - Conferencia del episcopado mexicano.

